

UMA TRADUÇÃO DE “MARY CHRISTINA”, DE HENRY HANDEL RICHARDSON

A TRANSLATION OF HENRY HANDEL RICHARDSON’S “MARY CHRISTINA”



Traduzido por:

Juliana STEIL
Professora Adjunta
Universidade Federal de Pelotas
Unidades e Cursos de Graduação
Centro de Letras e Comunicação
Pelotas, Rio Grande do Sul
<http://lattes.cnpq.br/5586916987453183>
<https://orcid.org/0000-0002-7336-0299>
julianasteil@gmail.com

Roberta Rego RODRIGUES
Professora Associada
Universidade Federal de Pelotas
Unidades e Cursos de Graduação
Centro de Letras e Comunicação
Pelotas, Rio Grande do Sul
<http://lattes.cnpq.br/6281175549996840>
<https://orcid.org/0000-0002-1580-1789>
betareseau@gmail.com

1

Resumo: Este trabalho consiste em uma tradução do conto “Mary Christina”, de Henry Handel Richardson, pseudônimo da australiana Ethel Florence Lindesay Richardson. Um breve texto de apresentação da escritora precede a tradução.

Palavras-chave: Tradução literária. Tradução colaborativa. “Mary Christina”. Henry Handel Richardson.

Abstract: *This paper presents a translation of “Mary Christina”, a short story by Henry Handel Richardson, pen name used by Australian writer Ethel Florence Lindesay Richardson. A brief introduction on the writer precedes the translation.*

Keywords: *Literary translation. Collaborative translation. “Mary Christina”. Henry Handel Richardson.*



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da *Licença Creative Commons* Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

Ethel Florence Lindesay Richardson, que escreveu sob o pseudônimo Henry Handel Richardson, nasceu na Austrália em 1870 e faleceu na Inglaterra em 1946. Entre 1883 e 1887, estudou no Presbyterian Ladies' College em Melbourne (Britannica, 2021) e, com planos de seguir carreira como pianista de concerto, em 1889 passou a estudar música em Leipzig, onde conheceu seu futuro marido, o germanista John George Robertson (Ackland, 2005). Michael Ackland (2005) observa que a cultura e as letras alemãs tiveram um peso importante na formação intelectual de Richardson, e avalia que, enquanto na Inglaterra, onde ela fixou residência definitiva a partir de 1903, o cenário literário da época (que tinha como referências nomes como Bernard Shaw, H. G. Wells, John Galsworthy e Arnold Bennett) valorizava a abordagem dos dilemas sociais do dia, a escritora australiana, por sua vez, explorava questões atemporais e produzia romances difíceis e pesados, com uma desconcertante inspiração em modelos da filosofia e da literatura europeias. Apesar de algumas tentativas de reposicioná-la na tradição da literatura inglesa, Richardson permanece pouco conhecida do grande público, mas tem lugar consolidado na história da literatura australiana, principalmente como romancista, sendo *The Getting of Wisdom* e *The Fortunes of Richard Mahoney* as suas obras que mais receberam atenção da crítica (Owens, 1987). De sua experiência com narrativa curta, destaca-se “Mary Christina”, de 1911 (Clancy, 1999), traduzido por nós como “Maria Cristina”. Até onde sabemos, é a primeira vez que este conto é traduzido para a língua portuguesa.

Em “Maria Cristina”, a morte física serve de pano de fundo para a relação da protagonista com Deus, o que reflete o interesse da escritora pelo espiritualismo (Solomon, 2014). Entremeado por ideações delirantes, “Maria Cristina” (originalmente intitulado “Death”) é comparado à novela “A morte de Ivan Illich”, de Tolstoi, e se encerra com um ar de ceticismo (Clancy, 1999).

Maria Cristina

Maria Cristina ia morrer. Faria sessenta anos, em março, que ela era uma habitante da Terra, tendo sofrido sua cota de vicissitudes da vida: de menina, havia se tornado uma mulher. Havia amado e sido amada. Havia dado à luz e cuidado dos filhos. Havia visto jovens perderem a juventude, tornando-se insensíveis e menos belos. Ela havia cuidado de túmulos; havia se conformado, ao longo dos anos, com a marcha sorrateira da idade. Havia chorado, dado risadas e sido indiferente, sobretudo indiferente, como é próprio do homem. Porém, ela deixaria de ser o que era, e nada mais poderia fazê-la sentir satisfação, ou tristeza, ou simples apatia.

Sabia mais que ninguém o que estava por vir, porque havia tido um pressentimento: ao menos ela assim o chamou em uma tarde cinzenta de novembro, quando, com as mãos geladas estendidas, agachou-se perto do fogo e não conseguiu sentir nenhum calor.

Naquele dia, um vento forte fazia as últimas folhas secas se revolverem nos galhos, e Maria Cristina havia se deslocado para um bairro distante da cidade. Depois de cumprir sua missão, entrou em uma condução lotada. Assim que se sentou e deixou os olhos passarem pela fileira de rostos à sua frente – rostos exaustos, e avermelhados da exposição ao vento –, disse a si mesma: “Meu Deus, como as pessoas estão feias!”. Mas uma voz interior, baixa, logo a censurou: “Seja grata por estar entre elas, Maria Cristina! Imagine se você não pudesse mais sair?”. Ao que Maria Cristina respondeu, elipticamente: “Melhor agora que na primavera, quando as coisas estão se renovando”.

Maria Cristina ia morrer.

Naquela noite, chegada a hora, despiu-se pela última vez dos invólucros pelos quais o mundo a havia conhecido, e, com o mínimo de cobertura de que fosse precisar, deitou-se entre os lençóis que testemunham a chegada e a partida dos mortais.

Mas deitar e entrelaçar as mãos não é suficiente. Morrer é mais que isso. O caminho para sair da vida é tão obscuro e misterioso como o de entrar nela.

Assim, depois de já ter sido uma daquelas estoicas que encaram a doença como uma falha moral à qual é desonroso sucumbir; depois de ter suportado suas enfermidades casuais calada como um animal em sofrimento, Maria Cristina começou a debater-se na sua cama, de tal modo que todos os que estavam em volta precisaram controlá-la, e dava gritos estridentes, sem pudor, que ecoavam pela casa. Gotas de suor rolavam da sua testa e formavam manchas arredondadas nos lençóis ou respigavam nas mãos daqueles que a seguravam.

Um estranho, convocado às pressas, sentou-se ao lado da cama. Diante dele, um escrupuloso recato feminino caiu como um véu rasgado.

Os rostos familiares de seus pequenos – pequenos agora apenas aos olhos de Maria Cristina – pairavam sobre ela. Sucessivas mãos procuravam as dela, banhadas de suor; e dos lábios do mais novo rompia o apelo mais humano dos homens: “Oh, Mãe... Mãe!”.

Mas, embora os filhos, dentre todos os seres vivos, estivessem nos pensamentos de Maria Cristina desde o instante em que tinham vindo ao mundo; embora tivesse ficado com eles, noite após noite, até ter certeza de que haviam pegado no sono, enfrentando os medos que somente uma mãe conhece; embora, até o fim, seu amor tivesse lançado mil braços para protegê-los em seus diversos caminhos, ela agora sentia por eles a mesma indiferença com que

via os vários estranhos que se movimentavam ao redor da sua cama. E o desaparecimento de seu caloroso afeto pareceu, àqueles que costumavam amparar-se nele, a primeira vitória significativa da morte sobre a vida.

Para Maria Cristina, o centro da existência havia mudado: de agora em diante, seu interesse estava voltado unicamente para si própria. Em primeiro lugar, veio a atenção idólatra exigida pelo seu corpo – um corpo forte e formoso, ainda ardendo de energia, e decididamente desejoso de viver. Fez-se objeto de cuidado religioso; incansáveis foram os esforços para afugentar o inevitável. As mínimas variações na temperatura do sangue e nos batimentos do coração eram verificadas e controladas. Até então, ela havia vivido sem saber das suas funções vitais; agora ela mesma partilhava do palpitante interesse pelo desempenho delas. Pois todas essas coisas, agora de uma importância mórbida, eram possíveis desarmadores do grande inimigo, daquele sofrimento visceral, avassalador, cuja eliminação era a sua preocupação principal. O inimigo vinha em intervalos. Começava em algum lugar muito distante, e se aproximava rapidamente, escurecendo a cama com a sombra de suas asas. Flutuava no ar, rondando como um abutre, e ela deitada, indefesa e aterrorizada; depois, com uma investida, descia e pousava sobre ela, cravando o bico e as garras no corpo estremeado. Ela olhava com os olhos desesperados para os que estavam em volta, implorando em silêncio, suplicando a eles como se suplicasse a deuses, para que a defendessem; mas nada faziam. Aquilo a dilacerava, mal e fraca de dor; os músculos de seu corpo contorciam-se; ela ouvia os próprios gritos rasgando o ar.

Por mais de oito longos dias, ela lutou, retornando repetidamente ao duelo, no qual, a cada vez, perdia mais da sua força. Aos poucos, a garra da sua batalha diminuía e a esperança que a sustentava, a esperança de uma vez sair vencedora, extinguia-se. Ela ainda engolia avidamente os líquidos amargos que chegavam à sua boca; submeteu-se de bom grado aos serviços inoportunos da enfermeira, que interrompia, dia e noite, seu descanso conquistado a duras penas. Ela ainda resistia bravamente, quando a agonia a tragava; mas viver já era um mero instinto cego – não havia mais expectativa naquilo. E os que estavam ao redor da cama, observando, começaram a evitar seus olhos, nos quais em alguns momentos o segredo da morte estava nítido.

Por mais de oito dias, lutou incessantemente, e aqueles cuja tarefa era ficar e observar sentiram os limites da resistência humana chegarem ao ponto de colapso. Agora, no entanto, uma mudança era visível. A dor a torturava ainda em crises cruéis, mas Maria Cristina não respondia a ela como no início: os nervos estavam perdendo o seu agudo poder tanto de sentir

como de interpretar a sensação. Deixava de resistir tanto, deixava a angústia dominá-la, fazer o pior. Agora que os nervos estavam dormentes também, ela podia entrar em repouso, pois deixava de sofrer; era um estado tranquilo e crepuscular, no limite entre o sono e a vigília; e as experiências de toda uma existência não haviam proporcionado prazer comparável a este: o bem-estar desinteressado que resulta do desaparecimento de uma dor.

Tinha o cabelo escuro, fino como seda, solto ao redor da cabeça; compressas geladas cobriam a sua testa; as mãos desgastadas e grandes ficavam cruzadas sobre os lençóis. Os que observavam reprimiam as próprias fagulhas de esperança, e desistiam de perguntar a Maria Cristina como ela estava; pois ela mal conseguia responder ao contato da mão: tudo era imaterial para ela, desde que a agonia se mantivesse afastada, e ela não despertasse do alívio daquele momento. Os acompanhantes moviam-se na ponta dos pés, receosos de perturbá-la, pois acreditavam que ela dormia. Mas ela não estava dormindo, como um deles viu por estar mais próximo dela: as pupilas escuras não se movimentavam sob as pálpebras semicerradas, como se fossem os olhos abertos de alguém que já morreu.

Nesses momentos de consolo, quando a tortura diminuía, Maria Cristina ficava estática, deixando as imagens passarem diante de si – imagens, fragmentos, flashes da vida que, até agora, havia sido dela; e em comparação a esse passado intensamente pessoal, originário das mais vagas lembranças da aurora, até mesmo os filhos lhe pareciam estranhos, companheiros casuais de um instante.

Há cinquenta anos!... As paredes do quarto expandiram-se, depois desmoronaram, como um castelo de cartas. Era uma praça ampla e ensolarada. Diante de uma casa antiquada com uma aldraba reluzente de latão, um grupo de crianças brincava sob um céu inglês azul-claro, repleto de grandes nuvens bulbosas. Uma dessas crianças tinha um cabelo de um loiro claro, que esvoaçava até a cintura e fluuava atrás de si enquanto corria. Era a mais agitada e feliz de todas. Jogava a bola bem alto, e a pegava com a maior segurança quando ela retornava ao chão. Inconsequente, e alegre com a própria habilidade, jogou a bola tão alto e longe que ela não voltou: a bola cruzou o muro de um jardim na vizinhança. Não era permitido que as crianças entrassem nesse jardim. A bola de que tanto se orgulhava sumiu para sempre por causa de uma bobagem. Sentou-se na escada e chorou com amargura. Seus colegas de brincadeira, incapazes de consolá-la, foram embora.

Os anos haviam passado. No alto, um céu cinza escuro, que não estava ainda mais cinzento que a extensão plana de terra abaixo. A neve estava prestes a cair, mas, até aquele momento, somente poucos flocos isolados volitavam. Em um lago congelado, as pessoas

patinavam: em pé num canto, uma jovem acompanhava as pessoas correndo e planando como pássaros na pista. Ela usava um capuz escarlate na cabeça. Em contraste com a monotonia reinante, esse capuz queimava como o fogo. Dois jovens passaram, gingando com os patins. Um deles virou-se para ela e lhe fez um elogio. Ele tinha olhos alegres e brilhantes. Ela enrubescou, e, obedecendo a um impulso, fugiu e só parou de correr depois de passar a soleira da porta de casa. Repreenderam-na, dizendo que ela já era grande para tais brincadeiras; ela somente respondeu com um sorriso, sem entender o que haviam dito. Seus pensamentos cantavam. Parecia que a vida de repente indicava maravilhas inimagináveis, o desenrolar de uma espiral mágica...

6 E novamente a linha do tempo avançou. Era verão agora. O sol descia, imenso, esplendoroso, num céu com matizes de violeta. Ao fundo de um antigo e confuso jardim, entre arbustos de framboesas, estava ela, ofegante, lutando para reprimir suas lágrimas de vergonha e decepção. Ele parecia tê-la evitado a tarde inteira; havia ficado do lado da amiga dela. Agora ela fazia que colhia frutas, mas a cesta que levava no braço estava vazia: ficava olhando, absorta, para o rubro-dourado do céu do oeste. Estava assim, com um mundo de amargura em seu jovem coração, quando sentiu a mão de alguém tocar a sua. Uma voz gentil lhe disse: Maria Cristina... Senti sua falta... Vim lhe procurar... A pequena cesta decorada escapou de seus dedos inertes, caiu entre os arbustos, e ali foi deixada para apodrecer. Que tolice da parte dela ter esquecido aquela cesta! Era de palha verde; tinha uma bela alça torcida. Por que não voltou para buscá-la? O que a teria apagado da sua mente? Será que ainda estava onde havia caído — disforme, encharcada? Ou será que as mãos de um estranho a haviam recolhido? Quem morava agora na casa da sua juventude? Outros lábios adolescentes teriam se encontrado sob as chamas do céu do entardecer?

A enferma inquietou-se e mexeu a cabeça. Era madrugada; a casa estava silenciosa, e o quarto, mergulhado no escuro. A treva lhe causava angústia; tentou olhar em volta e gemeu. Ouvindo isso, a Irmã de Misericórdia, com passos suaves, surgiu de algum lugar da escuridão e se inclinou sobre ela, oferecendo uma xícara de água à sua boca seca: ao beber, os olhos fixos e febris de Maria Cristina encontraram o linho duro e branco do colarinho e das faixas. Acalmou-se com a água, e logo voltou a semicerrar os olhos. A cuidadora retrocedeu para o canto de onde havia surgido.

Ela ia voltando para seu lugar para continuar a sua reza, e Maria Cristina parecia segurar uma criança viva em seus braços, acolhendo dois pezinhos na concha de sua mão. O fogo ardia na lareira; cortinas de cor vinho escondiam uma noite de chuva intensa. Lá fora, nas rodovias

e nos campos tomados pela tempestade, esses gélidos fios de chuva traçavam uma desolação cortante; do lado de dentro, na sala aquecida e segura, marido e mulher, ajoelhados, observavam as formas suaves daquele milagre que era deles. — Sem dúvida, não existe alegria maior que essa alegria... Olha! Está apertando a minha mão! Ele ouve... ele sorri. Estava para nascer criança como essa!

Gira a roda outra vez, e o bebê está gelado: ela pressionava uma roupinha contra o rosto, desesperada de remorso, em vão. Quanta dificuldade e revolta ela havia passado! Chegara a pensar que não haveria pós-luto que se comparasse ao luto por aquela criancinha morta (desde há muito unida à terra que a guarda), por aquela frágil fagulha de vida da qual todos logo se esqueceram, menos ela. Não havia sido assim — acabou enfrentando um luto muito pior: com o passar dos anos, parecia às vezes que aquela figura curvada e velada de cinza que era a tristeza nunca mais deixaria de acompanhá-la. Havia compreendido que é mais fácil ver uma criança morrer, imaculada, do que vê-la mudar, endurecer, contradizer-se; chegara a confiar na morte como cabo de sustentação da vida — a rocha matriz que subjaz os solos arenosos e instáveis.

Mas depois desta última visão nítida do bebê de cera que a aguardava no vale das sombras, as memórias vieram em turbilhão: não conseguia acompanhar uma a uma. Os últimos anos também haviam sido assim, um após o outro, sucedendo-se numa velocidade vertiginosa: um dia estava com trinta anos, e parecia que no dia seguinte já estava nos sessenta — uma idosa na cama à beira morte. Deitada, com a visão ampla concedida a seus olhos moribundos, ela olhava para o padrão da sua vida, como se avaliasse friamente um arrás sofisticado. Os vários acontecimentos que a compunham já não lhe causavam nenhuma reação, e era incrível pensar que eles um dia a tinham deixado tão abalada. Nessa hora de profunda sabedoria, viu que esses acontecimentos não passavam de sonhos e sombras — imagens ilusórias que lhe haviam enganado o cérebro. Nada deles havia persistido; nada havia sido real ou duradouro: havia agarrado a barra puída de uma roupa impermanente. Os êxtases haviam sido uma quimera; os males, também. E o poder dessas coisas sobre ela havia sido imaginário: o seu íntimo, a sua parte mais vital, havia ficado impassível, ilesa a tais coisas. Ela não havia lutado nenhum combate mortal, pois nunca tivera um combate com o qual se envolver. Essa era mais uma ilusão — talvez a maior de todas. A vida, extraída em seu âmago, despida de seus ornamentos de arco-íris, era — agora sabia — um mudo assistir, deixando essas coisas oníricas passarem. Agora que ela a havia terminado, a vida e o viver, podendo olhá-la em seu conjunto, chegava a essa conclusão: nunca se vivia realmente; apenas parecia ser assim, no momento. A alma permanecia tímida, distante, orgulhosa, fria, quando antes produzia um espetáculo

imaterial de variados lugares com seus respectivos fantasmas. Às vezes, estas formas abriam os braços para nós; às vezes, nós estendíamos nossas mãos saudosas para elas. Por um breve instante, pareceu haver um entrelaçamento; depois, uma ou outra apareceu, e a procissão continuou como antes. O amor não era mais real nem era capaz de durar mais do que os braços do amante; o filho dos sonhos que criamos mudou e passou; a alegria passou, e a dor, e as voláteis emoções do dia. E a memória, no limiar da morte, virando-se para um último olhar retrospectivo à miragem coroada de sol, não conseguia distinguir uma imagem transitória da outra. Agora pareciam todas iguais; *eram* iguais: não havia diferença real entre elas. Alegria e pesar, amor e ódio, êxtase e desespero eram, a bem da verdade, a mesma coisa — a fina e azul espiral de fumaça que ascendia de um fogo espectral.

E tendo alcançado esta derradeira sabedoria, a moribunda foi tomada por uma grande paz: ela não escolheria mais estar viva. Agora pedia descanso — apenas descanso, e não a imortalidade: não queria uma nova existência, a ser suportada e conquistada num novo lugar obscuro, entre espíritos inquietos. Queria o mais absoluto repouso, debaixo de uma pesada camada de barro marrom, com todos os seus desejos finalmente silenciados. Sem substância, sem sentido, tudo havia sido um inútil golpe no ar; mas agora havia acabado, e ela dava graças a Deus por isso. Nunca mais sentiria a laceração de um pôr do sol, nem a agonia de um dia evanescente de outono. Agora dormiria o sono do nada: um eterno esquecer...

Ficou deitada e deixou o torpor da morte ir tomando conta dela, observando vagamente o seu progresso. Mas ao anoitecer, quando caíam as frias sombras azuis do leste, teve o impulso dos moribundos: tentou fugir do insondável, enquanto ainda era tempo. “Vou levantar e ir embora... para bem longe”.

Ela foi erguida em sua cama, com o apoio de braços amorosos; depois foi deitada novamente, pois não aguentava o peso do próprio corpo: sua cabeça, tremendo, afundava de um lado a outro, como uma flor pesada no caule. E a sensação de afundar, de ser puxada por uma correnteza que não conseguia estancar, recomeçou. Era como se tivesse sido arrastada por um redemoinho: uma hora estava no alto, no mesmo nível; depois vinha a tontura, e caía, e ficava muito mais perto da escuridão serpenteada do eixo central, e muito mais distante do teto azul do céu. Desce... desce... desce! — um giro vertiginoso para os horrores da escuridão; e assim continuaria, em círculos cada vez mais reduzidos, até o horrendo momento em que ela não girava mais, quando as águas agitadas se encontraram, com o estrondo de um trovão, acima da sua cabeça.

E a vertigem cessou, e uma fraqueza misericordiosa veio ampará-la. Seus pensamentos, agrupando-se num emaranhado inseparável, lhe escapavam, e eram reabsorvidos no Pensamento Supremo, de onde haviam saído originalmente. Embora seus olhos ainda estivessem abertos, o médico e a enfermeira não faziam mais questão de falar dela em voz baixa: para eles, ela já estava entre as coisas mudas e inarticuladas, as quais, não podendo reclamar, eram imunes a insensibilidades e ofensas.

A vida escoava lentamente, relutando. Uma palidez turva tomou o seu rosto; sua respiração ficou pesada; o nariz apertado estirou-se para cima. O coração, entretanto, continuou pulsando no corpo morto até bem depois da meia-noite.

Depois ele também cessou.

Os que observavam, chorando, saíram, com aquela sensação de alívio no peito que acompanha a conclusão do processo de morte, e a retirada de suas lamentações deixou um grande vazio no quarto. A mulher de preto que permaneceu limpou as brasas da lareira, e afastou as cadeiras que estavam junto à cama. Sobre os olhos do corpo que havia sido Maria Cristina, colocou dois quadrados de musselina umedecida e, ao fazer isso, pediu fervorosamente a intercessão da outra Maria — a Misericordiosa Homônima desta pobre alma que havia partido para a escuridão sem ser abençoada. Uma vez devidamente esticados e dobrados os lençóis, ela apagou o gás e deixou uma luz noturna num copo d'água, que lançava sombras vivas na parede.

9

Mary Christina

Mary Christina was going to die.—For sixty years, come March, she had been an inhabitant of the earth, and had suffered her full share of life's vicissitudes: she had passed from girl to woman, had loved and been loved, had borne children and tended children, had watched young faces lose their youth, and harden, and grow unbeautiful; she had cared for graves; had resigned herself, in the course of years, to the creeping on of age: she had wept, and laughed, and been indifferent, mostly indifferent, as is man's way; but now she was going to cease to be, and nothing would please her, or sadden her, or leave her merely cold, again.

She knew what was coming, before anyone else; for she had had a presentiment: so, at least, she called it, one grey November afternoon, when, with icy hands outspread, she crouched low over a fire from which she could derive no heat.

That day, while a sharp wind was causing the last, tattered leaves to whirl madly on their stalks, Mary Christina had journeyed to a distant quarter of the town. Her business done,

she entered a crowded conveyance. As she sat and let her eyes range over the row of faces opposite her, faces worn with toil, and reddened with exposure to the wind, she said to herself: “My God, how ugly people are!” But, in the same breath, a small, inner voice rebuked her: “Be thankful to be among them, Mary Christina! What, if you were never out of doors again?” To which, elliptically, she made answer: “Better now than in spring, when things are freshening up.”

Mary Christina was going to die.

That night, the hour being come, she took off for the last time the wrappings in which the world had known her, and, with as little covering as she would ever again need, lay down between the sheets that witness the incoming and the outgoing of mortals.

But the lying down and folding of the hands is not enough; it is no such easy matter as that to die. The way out of life is as darkly mysterious as the way in.

Thus, after having ever been one of those stoics who look upon illness as a moral failing, to which it is dishonourable to yield; after having borne her casual ailments as mutely as a suffering animal, Mary Christina now began to fling about on her bed, in such a manner that every one within call was needed to restrain her; and to utter shrill, shameless cries, which echoed through the house. Beads of moisture rolled from her forehead and made round spots on the sheet, or splashed the hands of those who held her.

A stranger, summoned in haste, sat beside her bed. Before him, a scrupulous, womanly reserve dropped like a rent veil.

The well-known faces of her children—children now in the eyes of Mary Christina alone—hung over her. Hand after hand sought hers, sweat-bedewed; and from the lips of the youngest broke man's most human cry: “Oh, Mother...Mother!”

But though these, of all living creatures, had been in Mary Christina's thoughts ever since they had come into the world; though she had watched, night for night, till she knew their eyes closed in sleep, harassed by the fears that only a mother knows; though, up to the last, her love had thrown out a thousand arms, to safeguard them on their divers ways, she was now as indifferent to them as to the several strangers who moved round her bed. And the withdrawal of her warm affection seemed, to those who had been used to shelter beneath it, like the first significant victory gained by death over life.

For Mary Christina, the centre of existence had shifted: henceforth, her desire was only to herself. First came the idolatrous attention demanded by her body—this strong, personable body, still ablaze with energy, and resolutely desirous of living. It was made the object of a

religious care; untiring were the endeavours to ward off the inevitable. The minutest variations in the heat of the blood, in the pulsations of the heart, were verified and controlled. Hitherto, she had lived unconscious of her vital functions; now she, too, shared the palpitating interest in their course. For all these things, now of a morbid importance, were possible disarmers of the great enemy, of the griping, gutting pain, to repel which was her chief concern. This came at intervals. It began somewhere in the distance, far away, drew rapidly nearer, darkening the bed with the shadow of its wings; it hovered over her, circling like a vulture, she lying defenceless and terrified; then, with one swoop, it descended and settled on her, plunging beak and claws into the shuddering flesh. She looked at those about her with wild eyes, dumbly imploring them, praying to them, as to gods, to shield her from it; but they did nothing. It tore at her, sick and faint with anguish; the muscles of her body twisted into knots; she heard her own shrieks rend the air.

For longer than eight long days she fought this fight, returning time and again to the encounter, in which, each single time, she left more of her strength. Gradually, however, the force of her struggles declined, and the hope that had sustained her, the hope of once coming off conqueror, died out. She still swallowed, with avidity, the bitter draughts that were held to her lips; she submitted, gladly, to the importunate services of the nurse, which broke in, by night and by day, on her hard-won rest; she still gave desperate battle, when the agony sucked at her; but it became a mere blind instinct to live, without faith in the issue.—And the watchers round the bed began to avoid her eyes, in which, at moments, the death-secret was legible.

For eight days and over, she disputed each inch of ground, and those whose lot it was to stand and look on, felt the limits of human endurance strain to breaking-point. Then, however, a change was visible. The pain still wrung her, in savage bouts; but Mary Christina did not answer to it, as at first: her nerves were losing their fine power, both to feel, and to interpret the feeling. She ceased to resist so ardently, let the anguish engirdle her, do its worst. Now that her nerves were drowsier, too, she was able, the moment she ceased to suffer, to sink into repose; a tranquil, twilight state, on the borderland between sleeping and waking; and the experiences of a lifetime had numbered no goodlier pleasure than this: the wishless well-being that follows on a vanishing pain.

Her dark hair, fine as silk, was gathered loosely round her head; iced cloths were strapped to her brow; her large, worn hands lay folded on the sheet. The watchers stifled their own flickering hopes, and gave up asking her how she did; for she could hardly bring herself to return a pressure of the hand: all else was immaterial to her, so long as the agony was kept

at bay, and she not roused from her present sweet reprieve. They moved on tip-toe, fearful of disturbing her; for they believed she slept. But she was not asleep—as one saw, who bent more nearly over her: the dark pupils were fixed, beneath the half-fallen lids, like the unclosed eyes of one already dead.

In these benign moments, when her torture slackened, Mary Christina lay and let pictures pass before her—pictures, fragments, flashes—of the life which, until now, had been hers; and, compared with this intensely personal past, which had its rise in mistiest morning memories, even her children seemed unfamiliar to her—the chance associates of an hour.

Fifty years ago!...The walls of the room expanded, then fell in, like the sides of a card house. It was a wide and sunny square; before an old-fashioned house with a shiny brass knocker, under a pale-blue English sky heaped with bulbous masses of cloud, a group of children played. One had hair of a light, flaxen colour, which flapped to her waistline, floated behind her as she ran. She was the wildest and merriest of all; she threw the ball highest; she caught it most surely as it came to earth again. In a spirit of wantonness, elated by her own skill, she threw it so high and so far that it did not return: it had gone over the wall of a neighbouring garden. They were not allowed to enter this garden; the ball, her ball, of which she had been so proud, was lost for ever, and through her own folly. She sat down on the steps, and wept bitterly. Her play-fellows, unable to comfort her, stole away...

Years had passed. Overhead, a lowering grey sky; which was yet no greyer than the flat stretch of earth beneath. Snow was in waiting, but, so far, only a few detached flakes had fluttered down. On a hard-frozen pond, people were skating: a young girl stood at the edge, and followed their bird-like dartings and skimmings. She wore a scarlet hood on her head. Seen against the prevailing dullness, this hood burnt like a flame. Two young men passed, swinging their skates; one turned to look at her, and she caught an admiring word. He had bright, merry eyes. She reddened; then, obeying an impulse, took to her heels and ran, never pausing till she had crossed the home threshold. Too big for such frolics, they rebuked her; but she only smiled at them in return, not grasping what they said. Her thoughts were singing; life seemed suddenly to mean undreamed-of wonders—the unravelling of a magic coil...

And again the years moved forward. It was summer now. The sun went down, huge, flamboyant, in a violet-streaked sky. At the bottom of a tangled old garden, in a thicket of raspberry-bushes, she stood with heaving breast, striving to repress tears of shame and disappointment. Throughout the afternoon, he had seemed to avoid her, had kept at the side of her friend. Now, she made as if she were gathering fruit; but the basket on her arm was empty:

she stared unseeingly at the streaky red and gold of the western sky. While she stood thus, a world of bitterness in her young heart, a hand was laid on hers, and a kind voice said: Mary Christina...I missed you...I came to look for you...The little fancy basket dropped from her nerveless fingers, dropped among the bushes, and there it was left, to lie and rot. How foolish of her it had been to forget that basket! It was made of green straw; had a pretty twisted handle. Why had she never gone back to look for it?—what had blotted it from her mind? Did it still lie, where it had fallen—a shapeless, sodden mass? Or had strange hands recovered it?...Who lived now in the home of her girlhood? Did other young lips meet beneath the flames of the evening sky?...other feet tread the familiar paths, whence hers had for ever passed?

The sick woman stirred uneasily, and moved her head. It was deep night; the house was still, the room sunk in shadow. The darkness oppressed her; she tried to look about her, and moaned. At the sound, a soft-footed Sister of Mercy rose from out a patch of gloom, and bent over her, presenting a cup to her dry lips: as she drank, Mary Christina's fixed and feverish eyes met the stiff white linen of wimple and bands. The draught soothed her, at once her lids half-closed again; and the watcher shrank back into the corner from which she had sprung.

Before she had reached it and sat down again to her beads, Mary Christina seemed to hold a living child in her arms, gathered two tiny feet into the cup-shaped hollow of her hand. A fire burnt in the grate; wine-red curtains were drawn against a night of lashing rain. Out on the highways, and in the storm-swept fields, these icy rain-stripes spelled a shuddering desolation, within, in the safe, warm room, husband and wife knelt to examine each soft line and curve of the miracle that was theirs.—Surely there was no better joy than this joy?...See!—how his hand grasps mine! He listens...he smiles. Never was such a child born before!

Another turn of the wheel, and the babe was cold to the touch: she stood pressing a little dress to her face, and eating her heart out in vain regret. How she had struggled, and rebelled! She had then believed that no after-grief could equal this grief for the little dead child (so long since become one with the earth it lay in); for this faint life-spark, of which all but herself speedily forgot the existence. It had not been so, many a greater grief had overtaken her: with the passing of the years, it sometimes seemed as though sorrow's bowed and grey-veiled form would never again quit her side. She had learned that it is easier to see a child die, unspoiled, than to watch it change, grow hard, betray its soul; had even come to rely on death, as on the fundamental stay of life—the bed rock, beneath loose and shifting sands.

But after this last precise vision of the waxen babe that awaited her in the land of shadows, the memories came crowding thick and fast: she could not follow each singly to an

end. The later years, too, had been so like, one to another; and they had flashed past with a dizzy quickness: one day she had been thirty, and it seemed only on the morrow that she was sixty—an old woman stretched out to face death. With the far-reaching sight granted to dying eyes, she lay and looked back at the confused pattern of her life, as at some richly-worked arras, and surveyed it; but without emotion. Now, the many happenings that composed it struck no answering chord in her; and it passed belief to think that she had once been stirred to the depths of her soul by them. In this hour of profounder knowledge, she saw that they had only been dreams and shadows—delusive images that had tricked her brain. Nothing of them had persisted; nothing been real or lasting: her hand had caught the frayed edge of no perdurable garment. The wonders had been a chimera; the evils, too. And their hold upon her had been an imaginary one: her inmost self, the vitalest part of her, had remained unmoved by them, and unharmed. She had not striven in mortal combat; for there had never been a combat to engage in. That was still another illusion—perhaps the greatest of all. Life, tapped at its core, stripped of its rainbow gauds, meant—she knew it now—a standing dumbly by, to let these dream-things pass. Now that she was done with it, with life and living, and could view it as a whole, she saw that this was what it came to: one was never really of it; it only seemed so, at the moment. One's soul held aloof, shy, proud, chill, while past it bore an unsubstantial pageant of varying places, and their accompanying ghosts. Sometimes, these shapes held out their arms to us; sometimes, we stretched yearning hands to them. For a brief suspense, there appeared to be an entanglement; then, one or other yielded, and the procession went on as before. Love had no more reality, no more enduring-power, than the lover's arms; the dream-child we reared, changed and passed; joy passed and pain, and the windy excitements of the day.—And memory, turning on the steps of death's threshold, for a last backward look at the sun-tipped mirage, could impossibly distinguish one transient image from another. Now, they all seemed alike; they *were* alike: there had been no real difference between them. Joy and grief, love and hate, rapture and despair, were, in very truth, one and the same—the thin, blue spire of smoke, that ascended from a phantasmal fire.

And having achieved this ultimate wisdom, the dying woman was lapped by a great peace: not again would she choose to be of life. Now, she asked for rest—only rest. Not immortality: no fresh existence, to be endured and fought out in some new shadow-land, among unquiet spirits; but deep, deep rest, with the heavy brown earth flattened down above her, and every wish stilled at last. Without substance, without meaning, it had all been an idle beating of the air; but it was over now; and she thanked God that it was so. Never again, the laceration

of a sunset, the agony of a fading autumn day. Only sleep; the sleep of nothingness: an eternal forgetting...

She lay and let death's torpor steal over her, dimly noting its progress. But towards evening, when the cold blue eastern shadows fell, she made the instinctive effort of the dying: sought to flee the unfleeable, while there was yet time.

“I will get up and go away...far away.”

She was raised in her bed and propped by loving arms; then laid down again; for she was unable to support the weight of her own body: her head, all a-tremble, sank from side to side, like a top-heavy flower on its stalk.—And the sensation of sinking, of being sucked under by a current she could not stem, began anew. It was as if she were caught and swept round in a whirlpool: for a time she would ride high, on the same level; then came the dizzy, downward drop, and she was by so much nearer to the black, serpent-like, central shaft, so much farther from the blue roof of the sky. Down...down...down!—a giddy whirl towards the horrors of the dark; and so it would go on, in ever-contracting circles, till the awful moment when she whirled no more, and when the churning waters met, with a crash of thunder, above her head.

Then, the vertigo ceased, and a merciful weakness came to her aid. Her thoughts, drawing to an inseparable tangle, escaped her, and were re-absorbed in the Supreme Thought, from which they had primarily come forth. Though her eyes remained open, doctor and nurse no longer hushed their voices when they spoke of her: for them, she was already numbered among those mute or inarticulate things, which, because they cannot make protest, are held insensible to hurt and affront.

15

Life ebbed lingeringly, unwillingly. A muddy pallor overspread her face; her breath came snorting; the pinched nose strained upwards. But the heart beat on, throbbing through the dead body till long after midnight.

Then this, too, ceased.

The weeping watchers retired, with the sense of relief in their breasts that accompanies death accomplished; and the withdrawal of their lamentations left a great vacancy in the room. The black-robed woman who remained, raked out the embers of the fire, and pushed back the chairs from the bed. On the eyes of the thing that had been Mary Christina, she laid two squares of damped muslin; and, as she did so, she made fervid intercession with the other Mary—the Gracious Namesake of this poor soul that had gone unblest into the darkness. The coverings decently stretched and folded, she turned out the gas, and set a night-light in a glass of water.—It threw living shadows on the wall.

REFERÊNCIAS

- Ackland, M. (2005). Henry Handel Richardson's Years in Wilhelmine Germany: The "most cultured land in Europe"? *English Literature in Transition, 1880-1920*, 48(2), 147-163. [10.2487/7038-Q223-7864-1477](https://doi.org/10.2487/7038-Q223-7864-1477)
- Clancy, L. (1999). Richardson, Henry Handel. In T. Riggs (Ed.), *Reference guide to short fiction* (2 ed., pp. 535-537). St. James Press
- Britannica, T. Editors of Encyclopaedia. (2021, mar. 16). *Henry Handel Richardson*. *Encyclopedia Britannica*. <https://www.britannica.com/biography/Henry-Handel-Richardson>
- Owens, J. T. (1987). Henry Handel Richardson. *English Literature in Transition, 1880-1920*, 30(4), 481-483. <https://muse.jhu.edu/article/374779/pdf>
- Richardson, H. H. (2015). Mary Christina. In H. H. Richardson. *The end of a childhood: the complete stories of Henry Handel Richardson*. Project Gutenberg Australia. <http://gutenberg.net.au/ebooks02/0200661h.html>
- Solomon, R. (2014). Two Studies: Henry Handel Richardson and The Great Extractor. *Script & Print*, 38(4), 229-248. <https://www.henryhandelrichardsonsociety.org.au/documents/TwoStudiesHHR.pdf>